

Editorial

Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.

Paulo Freire

Na denominada Sociedade da Informação e Comunicação em que estamos vivendo parece não se admitir mais uma escola antiquada, descontextualizada, fragmentada, dissociada da realidade, com horários rígidos em disciplinas, currículos e programas impostos. É preciso reeducar-se para educar. É preciso mudar a escola, acompanhar as mudanças que estão ocorrendo veloz e momentaneamente na nossa sociedade pós-moderna. Felizmente surgiu, quase ao final do século XX, o trabalho com projetos, educando em uma visão mais global, complexa, íntegra e contextualizada do processo educativo. Significa uma mudança de postura, de novas práticas, um repensar da prática educativa e das teorias. Significa também repensar a escola, seus alunos, seu corpo docente, seus gestores, enfim toda os envolvidos com a escola destes novos tempos. É preciso educar em uma visão global, complexa, holística, ensinando para a vida, como já foi dito por John Dewey há 100 anos. É de vital importância que a educação não se restrinja ao ensino do conhecimento como algo acabado – mas que saberes e habilidades do estudante possam ser integrados à sua vida como cidadão, pessoa, ser humano. Como aprendizagem está ligada a sentimentos, não há melhor forma de aprender do que procurar descobrir aquilo que desperta interesse. E qual forma a mais adequada do que a de projetos?

Das várias definições entre os estudiosos para a nova postura metodológica de ensinar, talvez a melhor seja: “Projeto é projetar-se, isto é, lançar-se, sair de onde se encontra em busca de novas soluções”. O trabalho com projetos constitui uma das posturas metodológicas de ensino mais dinâmica e eficiente, sobretudo pela sua força motivadora e aprendizagens em situação real, de atividade globalizada e trabalho em cooperação.

Observemos como isso acontece lendo os textos deste número, especialmente os que abordam a temática: *Projetos de Investigação na Escola: desafio à transformação curricular?*

Tadeu Rossato Bisognin